

MEMÓRIA CAMPINEIRA

UM CAUSO ENTRE MUITOS OUTROS...

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Finalizando parte da pesquisa financiada pelo CNPq sobre *Bairros Negros de Campinas* (agora prorrogada por mais dois anos) junto ao Centro de Memória - UNICAMP, não poderia deixar de relatar um caso ainda bastante vivo na memória dos poucos antigos moradores negros remanescentes dos bairros Ponte Preta e Vila Marieta.

Refiro-me à Capelinha de Santa Cruz do Fundão, cuja história se encontra registrada desde os Almanques publicados por Leopoldo Amaral, quando então dizia ser "um templo pequeno cuja história é ignorada".

São raras as observações que podem ser colhidas (mesmo no Arquivo Histórico Municipal de Campinas) sobre essa ermida que subsistiu ao tempo. Na atualidade é apenas aberta uma vez por semana para a realização dos encontros de oração, onde comparecem alguns moradores desses bairros (mais mulheres).

Contam os depoentes ouvidos na pesquisa que era hábito nenhum transeunte passar por perto dela (ou de qualquer outro local em que houvesse o marco de uma cruz, geralmente nas encruzilhadas) sem tirar seu chapéu, convicto de que naquele (s) local (is) repousava um ser humano que já havia entregue sua alma a Deus.

Esse santuário, localizado no antigamente chamado Fundão, o espreado além do bairro Ponte Preta, e que teve uma parte desapropriada pela Prefeitura Municipal da Cidade para a construção do Cemitério da

Saudade, situa-se à Rua da Abolição, conhecido outrora pelo nome de Santa Cruz do Fundão ou Santa Cruz do Paraíso, ou ainda Santa Cruz do Palheiro: teve sua origem à época da escravidão.

Durante as entrevistas que por lá realizei, obtive informações que um jovem escravo negro condenado ao tronco por pequena falta cometida (ninguém soube dizer qual), fugiu para uma fazenda vizinha àquela onde labutava a fim de solicitar apadrinhamento ao seu proprietário. O latifundiário garantiu-lhe que se levasse ao seu dono o bilhete que lhe passava às mãos, o perdão lhe seria concedido.

O tal escravo, claro que não sabia ler. Mas, desconfiou que sua história não estivesse bem contada naquele pequeno pedaço de papel.

Ao retornar à fazenda onde habitava, encontrou-se com um garoto que voltava da escola. Solicitou então a esse moleque que lhe lesse o dito bilhete, onde tomou conhecimento que lá estava sendo solicitado ao seu amo que sua pena fosse dobrada pelo fato de se haver atrevido em procurar um padrinho para que o ajudasse a ser perdoado.

Desesperado com o que soube, resolveu enforcar-se na primeira árvore que encontrou à meio do caminho.

Não obtive dados de quando exatamente o infaustoso caso ocorreu, mas, soube que foi pouco antes da Abolição (em torno de 1885) e que o acontecimento se deu próximo à Capela, que era parte da propriedade de Custódio Joaquim do Prado.

O que pude colher nas entrevistas foi que pessoas caridosas recolheram o corpo desse menino, ali mesmo o enterraram em uma modesta sepultura e que, nesse local, foi erguida uma singela capela que anos depois desmoronou-se.

Por longo tempo essa Capela foi sede de vários ofícios religiosos, por ocasião dos festejos da Santa Cruz, sendo que o largo fronteiroço a ela, era palco de terreiro onde se realizavam também sambas de zabumba e cantorias múltiplas entre os dias 2 e 3 de maio de cada ano.

Não se recordaram os depoentes ouvidos do que escreveu o jornalista Jolumá Brito que tais festejos foram desvirtuados pelo aumento de *beberrões* durante essa festividade que, ainda, segundo esse articulista, a partir de 1881, eram também dedicadas a São Pedro, trazendo muitos devotos às ladainhas que por lá eram então realizadas.

Confirmei ainda que após a Revolução de 1932, por iniciativa da Cúria Metropolitana da Cidade, iniciou-se a construção, no local do enforcamento do jovem escravo, de uma pequena Igreja que ainda lá se encontra, em razoável estado de conservação. Na ocasião em que realizei a pesquisa (final do ano de 1999), seu interior estava passando por reforma.

O significativo me pareceu a lembrança viva entre os poucos antigos moradores desses espaços, o narrar, de forma enfática, da estória desse negrinho (apesar de seu nome não ser mais lembrado) e da presença muito viva em suas memórias dos maus tratos que os senhores campineiros dispensavam aos seus escravos, independentemente de sexo ou idade, sendo usual a condenação ao tronco por qualquer falta cometida.

O misticismo até hoje envolve esse local, não apenas pelo trágico fim do neguinho-escravo, mas, principalmente, porque, segundo a lenda que se criou, desde seu sacrifício, ele faz curas milagrosas e auxilia a todos os necessitados que lá vão rezar.

Cumpra ainda mencionar que, à esquerda dessa pequena e modesta Igreja, localiza-se o túmulo desse infeliz escravo, não possuindo nome ou qualquer outra inscrição. Todavia, há sempre lá flores artificiais e algumas velas (muitas já reduzidas a cera), demonstrando o quão viva é a credence perpetuada que permite sempre o retorno à memória desses moradores da *crueldade* dispensada ao negro em Campinas, além do *poder do milagre* para o justo e inocente. Advém daí as promessas e pedidos que são realizados nesse local, sobretudo porque também esse *causo* ainda menciona o fato de que quando a Capelinha fechou para a primeira grande (?) reforma (ela somente foi reaberta em 1973), fora cortada uma goiabeira existente ao lado dessa sepultura, bem atrás da cruz de ferro. Após ter sido podada, essa árvore começou a chorar, chorar...

Que beleza conhecer o seu passado, o seu presente... diz o nosso cancionista popular. Se o nome do garoto se perdeu no tempo, a época de igual modo, o acontecido permaneceu e criou raízes na memória do povo, a tal ponto que me permitiu perceber que as competências identitárias dos moradores desses bairros são plurais e auto-reflexivas, remetendo-os a uma estrutura pessoal, afetiva e cognitiva, continuamente (re) construída.